

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA- UMA REVISÃO SOBRE OS DESAFIOS ENFRETTADOS POR PROFESSORES E ALUNOS EM ANO PANDÊMICO

CAMILA RAIANNA JUSTINIANA ROCHA

Doutoranda em Bioengenharia Neuronal na Universidade Federal de São João del Rei-MG, raianna_17@hotmail.com;

JÉSSICA NAIARA LARA

Doutoranda em Bioengenharia Neuronal na Universidade Federal de São João del Rei-MG, jessicanaiaralara@yahoo.com.br;

ANDRÉ LUIS FONSECA FURTADO

Professor do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais-MG, andre.furtado@ifsudestemg.edu.br.

RESUMO

A pandemia da Covid-19 afetou o mundo inteiro, impondo distanciamento social e levando à suspensão das aulas presenciais. Nesse contexto, o ensino remoto emergiu como uma alternativa ao modelo tradicional de ensino. A pandemia ainda é uma realidade presente, mas já é possível traçar as principais dificuldades que a comunidade escolar, na figura principal de professores e alunos, enfrentam nesse período. Este trabalho é uma revisão sistemática sobre os principais problemas enfrentados pelos professores e pelos alunos durante a pandemia. Sendo assim, foi realizado uma busca nas plataformas de pesquisa com o uso de palavras-chave para refinar a busca. Ao final da análise, foram selecionados 28 artigos sobre a temática. A revisão bibliográfica está apresentada em tópicos. Inicialmente, procuramos pontuar como a pandemia afetou a educação presencial. A revisão segue com os principais desafios enfrentados pelos professores e pelos alunos. A análise dos trabalhos nos permite concluir que haverá novos significados e formatos para a escola e para a comunidade escolar como um todo após a pandemia e que alunos e professores serão profundamente impactados por essas mudanças.

Palavras-chave: Aprendizagem, Ensino remoto, Covid-19, Educação a distância.

INTRODUÇÃO

O início do ano letivo escolar no Brasil em fevereiro/2020 foi bruscamente interrompido após 1 mês de aula devido ao advento e propagação da pandemia do coronavírus (COVID-19). A pandemia impactou todos os setores sociais, afetando profundamente o setor da educação. O sistema educacional brasileiro deixou de funcionar em seu formato tradicional de aula presencial e os educadores se mobilizaram para sanar esse problema da melhor maneira possível, tendo em vista o cenário educacional, migrando para o ensino remoto (ORTEGA; ROCHA, 2020; CUNHA, SILVA; SILVA, 2020, SENHORAS, 2020).

De acordo com Hodges e colaboradores (2020), o ensino remoto emergencial difere da modalidade de Educação a Distância (EAD), pois a EAD conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas por meio de diferentes mídias em plataformas on-line (HODGE *et al.*, 2020; RONDINI, PEDRO e DUARTE, 2020). Recursos esses que não estão presentes no ensino remoto.

Como se não bastasse, a pandemia ocorreu em um momento bastante particular da vida política brasileira e, especialmente, da agenda educativa. O Brasil chegou ao século XXI com uma dívida social muito grande com amplos setores da sociedade e com uma das mais injustas divisões de riquezas no mundo (OLIVEIRA; PEREIRA; JUNIOR, 2021). É notável que a disseminação da COVID-19, explicitou ainda mais as carências da classe trabalhadora brasileira. Professores, pais e estudantes enfrentam diariamente a falta de acesso a computadores/notebook e internet de qualidade. Soma-se ainda a falta de recursos materiais e financeiros para que os pais possam ficar em casa, acompanhar e cuidar da educação e da saúde de seus filhos, entre outras (ORTEGA; ROCHA, 2020).

A pandemia ainda é algo presente na vida de todos nós, seja como comunidade escolar, seja como comunidade civil. Como comunidade escolar, na figura de alunos e professores, nos deparamos com desafios e disparidades que tornaram o processo de ensino/aprendizagem mais complexo, e mais desafiador. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo uma revisão sistemática sobre os principais problemas enfrentados pelos professores e pelos alunos durante a pandemia onde tentamos dimensionar os impactos da pandemia na rotina educacional de professores e alunos.

METODOLOGIA

Este trabalho seguiu os princípios de uma revisão sistemática, ou seja, com definição *a priori* dos critérios a serem seguidos em relação ao tipo de estudo e ao período de tempo analisado. Através desse método, a detecção de todas as publicações dentro do período de busca estabelecido, assim como a seleção e a classificação das mesmas em termos de evidência científica foram seguidas de forma sistemática e padronizada, assegurando o rigor metodológico da presente revisão.

As buscas foram realizadas utilizando as plataformas de pesquisa Google Acadêmico e Scielo. Ao finalizar as pesquisas em cada base, as referências duplicadas foram excluídas e foram selecionados artigos publicados em 2020 (04/2020 até 12/2020).

Foram selecionados artigos escritos apenas em português, com o objetivo de trazer a análise o mais voltada para a realidade brasileira possível. Para uma busca mais refinada, foram utilizadas as seguintes palavras chave: educação, pandemia e ensino remoto. Foram incluídos todos os artigos originais indexados no período entre primeiro de Abril de 2020 e Dezembro de 2020. Em seguida foi feita uma segunda triagem, com a exclusão daqueles voltados exclusivamente à coordenação escolar e organização do ambiente escolar, relatos de casos e artigos que tratavam da educação infantil, assim também como artigos duplicados. Ao final, 28 artigos foram selecionados para essa revisão.

Essa revisão será apresentada em 3 tópicos:

1. Como a pandemia afetou o modelo tradicional de ensino presencial
2. Os principais desafios do professor
3. Os principais desafios do aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como a pandemia afetou o modelo tradicional de ensino presencial

O agravamento da pandemia pelo COVID-19 obrigou as autoridades governamentais a tomar diversas ações que fossem capazes de minimizar a disseminação da doença, sendo o isolamento social uma dessas medidas. Nesse estado, a pessoa tem pouco contato com outras pessoas,

ocasionando uma dificuldade na manutenção e qualidade dos relacionamentos (NICHOLSON, 2009).

O isolamento social possibilita que os indivíduos permaneçam em seus domicílios, saindo de casa apenas em casos realmente necessários. Essa medida repercutiu no fechamento do comércio, indústria, além de interromper atividades de lazer, teatros, shows, etc. Da mesma maneira com as unidades escolares, o que demandou formas alternativas de continuidade ao processo de ensino aprendizagem (SENHORAS, 2020).

Subitamente, a comunidade escolar teve que se adequar: os professores, tiveram que se adaptar ao trabalhar *on-line* (MOREIRA, HENRIQUE; BARROS, 2020) e os alunos tiveram que desenvolver atitudes autônomas para cumprir com as tarefas escolares. Paralelamente, os pais se tornaram tutores dos filhos, enquanto estes estão em casa.

Ortega e Rocha (2020) e Cunha e colaboradores (2020) chamam a atenção para as necessidades dos alunos, especialmente as crianças, dependerem do apoio e da mediação de terceiros para efetivarem suas aprendizagens. Uma vez que a aprendizagem tenha sido efetivada, esses alunos, de maneira autônoma, conseguem extrair conhecimentos, analisá-los, processá-los e aplicá-los em suas experiências e práticas cotidianas. Sob o contexto da concepção vigotskiana de mediação simbólica, o termo “mediação” faz referência aos sistemas de signos e ao papel que eles desempenham nas relações do homem com o seu contexto social e cultural (BERNI, 2006).

Tornou-se óbvio, no contexto atual, o imprescindível papel mediador do professor, a importância da educação e a função da escola na formação das crianças e dos adolescentes (ORTEGA; ROCHA, 2020; CUNHA; SILVA; SILVA, 2020). Por mais que o ambiente escolar seja um espaço de aprendizagem e formação, a pandemia fez necessário uma ressignificação da compreensão do que é um espaço escolar.

A aprendizagem, segundo a neurociência, é entendida como um evento sináptico, pois, ao receber um estímulo químico ou elétrico, os neurônios se ligam e ocorre uma sinapse, que só é possível graças à plasticidade neuronal. O cérebro é moldável e suas funções cognitivas tais como a percepção, a atenção, a memória e a linguagem se desenvolvem predominantemente como resposta aos estímulos externos, sendo assim, o cérebro precisa ser constantemente desafiado. A aprendizagem acontece por meio da estimulação das conexões neurais e esse fenômeno que pode ser potencializado com a aplicação correta de intervenções pedagógicas específicas (KANDEL, 2014).

Para Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016) e Oliveira (2020) a aprendizagem possui duas etapas: a etapa de aquisição, onde ocorre o surgimento de novas sinapses e a etapa de consolidação, onde essas aquisições passam a fazer parte da memória.

Kahneman (2012) explica a existência de dois sistemas para a aprendizagem: o Sistema 1 e o Sistema 2. O Sistema 1 é descrito como originado sem esforço. As operações automáticas do Sistema 1 geram padrões de ideias surpreendentemente complexas. Já o Sistema 2 é descrito como “o eu consciente, raciocinador, que tem crenças, faz escolhas, decide o que pensar e o que fazer a respeito de algo”. Este é ativado frente a situações novas e que exigem das pessoas concentração.

Segundo Oliveira (2020) a maioria das escolas estavam com o Sistema 1 ativado: as atividades e eventos, as metodologias e as práticas já estavam automatizadas. Mas, em meio à pandemia, foi necessário ativar o Sistema 2 de toda a comunidade escolar e reformular novos meios de continuar o processo de aprendizagem em face do distanciamento social.

Diante desse cenário atípico, a escola precisou se reinventar, ampliando ou iniciando o uso de tecnologias educacionais, para dar continuidade ao processo de escolarização no ano de 2020 (OLIVEIRA, 2020; JUNIOR; MONTEIRO; 2020; CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020). Diante da necessidade de inovação do ato de lecionar, buscar alternativas inovadoras para levar conhecimento aos alunos passou a ser uma prioridade para o sistema educacional. Sempre com o objetivo de proporcionar autonomia aos estudantes no seu processo de aprendizagem (MARQUES, 2020; CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020).

O isolamento social fez com que o processo de incorporações das tecnologias digitais fosse subitamente acelerado (CARVALHO, 2020; JUNIOR; MONTEIRO, 2020). Em pouco tempo, as escolas públicas que, em sua maioria, utilizavam recursos digitais como um caráter complementar às aulas presenciais, viram-se na emergência de levar suas salas de aula para o ambiente virtual (RONDINI, PEDRO e DUARTE, 2020).

Martins (2020) e Carvalho (2020) salientam que a desconstrução de antigos paradigmas ocorreu, sem que antes, os novos pudessem ser totalmente naturalizados. Ou seja, quebrou-se repentinamente a ideia de que não seria possível ministrar aulas não presenciais para o ensino básico, sem que antes houvesse uma compreensão das possibilidades e dos modelos de educação não presenciais.

O Conselho Nacional de Educação recomendou para as escolas que as atividades ofertadas abrangessem desde o ensino fundamental, para que não houvesse retrocesso da aprendizagem nesse período. As recomendações que são válidas para o Ensino Fundamental em diante não valem para a Educação Infantil, que deverá ter aulas repostas presencialmente. Assim, tanto uma, quanto a outra, cumprirão as 800 horas de atividades e não mais os 200 dias letivos, porém de forma mais fluida e levando em consideração a realidade de cada um (MEDEIROS; CARVALHO, 2020; DUNDER, 2020).

Behar (2020), chama esse novo formato escolar de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Essa modalidade de ensino pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro. Ainda segundo a autora:

O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado. Behar (2020).

Ou seja, este é um arranjo circunstancial de emergência, longe de atender as demandas de uma proposta educacional que garanta o acesso, permanência e possibilidades satisfatórias de aprendizagem (BEHAR, 2020).

Para Hodge e colaboradores (2020) e Rondini e colaboradores (2020), o intuito do ensino remoto não é estruturar um ecossistema educacional robusto, mas ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente. Assim, em decorrência da pandemia, o ensino remoto emergencial tornou-se a principal alternativa de instituições educacionais de todos os níveis de ensino, caracterizando-se como uma mudança temporária em circunstâncias de crise. (HODGE *et al.*, 2020; RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

Em seus trabalhos, Oliveira (2020) e Cardoso, Ferreira e Barbosa (2020) chamam atenção ao fato que algumas escolas da rede privada adotaram plataformas que permitem a realização de *lives*, ou seja, conferências, entre alunos e professores ao vivo. Já nas redes estaduais e municipais, cada secretaria de educação teve autonomia para implementar a forma mais eficiente de ensino remoto

No Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais, foi adotada a transmissão de aulas por meio de canal de Televisão pública, a Rede Minas, que

não tem alcance em todos os municípios mineiros. Porém aulas podem ser acessadas também pelo Youtube (OLIVEIRA, 2020).

O Estado também criou um *site* (estudeemcasa.educacao.mg.gov.br) onde os alunos tem acesso as aulas e as apostilas didáticas. Diante da imprevisibilidade e da falta de acesso a essa plataforma por muitos alunos, a Secretaria de Estado de Educação atribuiu aos diretores das escolas estaduais o fornecimento de material impresso para aqueles que não conseguirem acesso aos meios virtuais/digitais (GATTI, 2020; OLIVEIRA, 2020).

Além da forma como as aulas passaram a ser ministradas e como os alunos tiveram acesso ao material, a relação professor/aluno precisou ser ressignificada (FIRMINO, 2020; CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020). A pandemia afetou de modo distinto professores e estudantes de diferentes níveis e faixas etárias, e por conseguinte muitas das assimetrias educacionais pré-existentes tenderam a se acentuar (SENHORAS, 2020; AVELINO; MENDES, 2020; RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

Assim como não foi fácil o processo migrar da aulas presenciais para as aulas on-line, também não será fácil o processo inverso em tempos pós pandemia (GATTI, 2020).

Os desafios enfrentados pelos professores

Os professores tiveram que migrar de modalidade de ensino muito rápido, e muitos deles não tinham treinamento para trabalhar com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Sendo assim, o primeiro grande desafio enfrentado é o da falta de qualificação.

Rodini, Pedro e Duarte (2020) chamam a atenção para o fato de que a incorporação das TDIC nas instituições escolares ainda é um entrave na realidade nacional. Os problemas de infraestrutura e de formação docente deficitária também são variáveis importantes que interferem diretamente em uma utilização crítica, intencional e produtiva das tecnologias.

A sociedade está inserida em um cenário onde ocorrem mudanças constantes, fruto da sociedade tecnológica, que alterou todos os espaços de convívio social e criou um ambiente de aprendizagem constante. Nesse ambiente, é muito importante que o professor domine a comunicação com os estudantes por meio do computador, *notebook* ou *smartphone* e consiga sua atenção e seu interesse (ORTEGA; ROCHA, 2020; RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

As TDIC são responsáveis por transformações na relação ensino-aprendizagem que tendem a facilitar o acesso ao ensino, ao mesmo tempo em que agregam valores como a democratização e o compartilhamento do conhecimento (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020; ARAÚJO, 2020). Araújo (2020) ainda salienta que os professores tem que estar cientes do seu papel nos ambientes virtuais: o de mediadores da aprendizagem, onde direcionam e alimentam o interesse pela pesquisa nos estudantes.

Mas o uso e domínio das TDIC não é um assunto novo. Os pesquisadores da educação reconhecem a importância das TDIC e da formação dos professores. Sousa, ainda em 1999, nos primórdios da internet, já salientava que esses ambientes virtuais permitem a colaboração entre as pessoas, por meio da participação em debates e da elaboração coletiva de atividades (SOUSA, 1999; ARAÚJO, 2020).

Cunha, Silva e Silva (2020) pontuam que em uma pesquisa realizada pelo CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) em 2018, 67% dos professores declaram necessidade de aperfeiçoamento ou formação para fazerem o uso pedagógico das tecnologias para mediar adequadamente o processo de ensino. Além disso, apontam que a maioria dos professores não tiveram em sua formação inicial e nem continuada a preparação para o uso de tecnologias na educação.

Para superar essa defasagem e auxiliarem no processo de aprendizagem durante a pandemia, faz-se necessário ao educador observar o que e como os estudantes interagem com as diferentes informações, para que o mesmo, enquanto mediador, possa propor atividades relevantes. O incentivo à aprendizagem contínua e a disponibilidade à informação já são facilitadores no processo de ensino-aprendizagem (ARAÚJO, 2020; CUNHA; SILVA; SILVA, 2020) e cabe ao professor, tirar o melhor proveito disso.

O estudo citado por Cunha, Silva e Silva (2020) evidencia, ainda, que 76% dos professores se mobilizaram para aprender a respeito das tecnologias educacionais, cujo objetivo foi superar as dificuldades do momento, corroborado pela opinião de Barreto e Rocha (2020) que destacam o quanto os professores se reinventam no período de pandemia: mesmo sem uma preparação adequada, há uma busca incansável por oferecer o melhor aos seus estudantes.

Essa estratégia educacional de comunicação, via ensino remoto, possibilitou a continuidade do ano letivo e mostrou que o mundo acadêmico, cada vez mais, terá que se adequar o ensino do século XXI e a um novo projeto pedagógico, tendo a tecnologia como aliada contínua (GATTI, 2020; LEAL,

2020). Essa nova realidade, culmina na formação de novos currículos que devem levar em consideração o tempo que os envolvidos no ensino podem ficar diante de um computador assistindo aula, sem prejudicar a saúde física e mental (GATTI, 2020; LEAL, 2020).

A saúde mental do professor durante a pandemia também é algo a ser levado em conta. Nesse período, os professores vivenciaram a solidão profissional e o isolamento educacional. Durante a transição para o ensino remoto, a comunicação presencial se perdeu não apenas entre o professor e os alunos na sala de aula, mas também entre os próprios professores (ORTEGA; ROCHA, 2020; RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

Salas (2020), em uma matéria publicada na revista Nova Escola, munida com os dados publicados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre estatísticas de gênero, apontou uma desigualdade entre homens e mulheres no tempo gasto com afazeres domésticos. Sendo assim, fica explícito que o *home office* para as mulheres, nesse caso as professoras, não representa facilidade já que, agora, no mesmo tempo e espaço precisam tentar equilibrar a vida pessoal e profissional. Sempre tentando conseguir promover o ensino remoto com todas incumbências inerentes e ainda se ocupar com os afazeres domésticos, para os quais lhes é imputado uma responsabilidade inata (SALAS, 2020; CUNHA; SILVA; SILVA, 2020). O que afeta drasticamente a saúde mental e física das mesmas. O desgaste físico com a sobreposição de tarefas tem certamente efeito sobre a qualidade de sua atividade docente, que nestas circunstâncias rivaliza com as demandas domésticas e familiares gerando um ciclo de desgaste e insatisfação (SALAS, 2020; CUNHA; SILVA; SILVA, 2020; RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

Além de lidar com a própria instabilidade emocional, os professores também acabam por lidar com instabilidade emocional de todos os envolvidos na aprendizagem (inclusive as famílias dos alunos). O que torna-se uma desafio na vida do professor, que passa a deixar o aspecto pedagógico em segundo plano em função da melhoria da relação aluno/conteúdos escolares/família/ansiedade (FIRMINO, 2020; RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

No entanto, em muitos contextos escolares, é possível encontrar docentes e gestores educacionais que não têm buscado transformar a escola na instituição que aprende. O que culmina na continuidade dos modelos de ensino ultrapassados de educação que se chocam com a realidade dos estudantes que nascem em meio às novidades tecnológicas modernas e buscam encontrar na escola uma realidade semelhante ao seu cotidiano (ORTEGA; ROCHA, 2020).

Vale mencionar que, se a escola tiver que continuar com as aulas on-line, a prioridade de contratação de profissionais será para o professor que estiver preparado para lidar com recursos digitais e ajudar os estudantes a utilizá-los em atividades pedagógicas que serão selecionadas para ampliar seus conhecimentos (ORTEGA; ROCHA, 2020). Em resumo, nessa era tecnológica é necessária a capacitação dos profissionais da educação para manuseio das tecnologias existentes.

Os desafios enfrentados pelos alunos

Os alunos têm apresentando dificuldades com as aulas remotas. Eles também não estão acostumados a essa nova realidade *on-line* e muitas vezes alguns não têm a autonomia suficiente para estudar sem a necessidade de um tutor/professor. A literatura chama a atenção para dois desafios principais enfrentados por esses alunos, a dificuldade de acesso e a falta de motivação.

O ambiente no qual esse “novo aluno” se encontra, apresenta um excesso de informação e de tecnologias disponíveis, o que pode ser responsável pela falta de foco e de concentração (ARAÚJO, 2020; CUNHA; SILVA; SILVA, 2020), com o aluno se dispersando a qualquer momento, caso o conteúdo ministrado não desperte o seu interesse. Essa falta de motivação, de engajamento e de participação dos alunos na realização das atividades pode ser um entrave encontrado tanto na sala de aula física como na sala de aula virtual (GONÇALVES, 2020). Porém, na sala de aula física é possível ver esse desinteresse e tentar alcançar aquele aluno de imediato, o que não acontece no ensino remoto.

Segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), em 2019, 71% dos domicílios no Brasil possuíam acesso à internet. Ainda de acordo com a pesquisa, 50% dos domicílios rurais possuíam acesso a internet (CETIC, 2020). Quando olhamos esses números levando em conta os fatores sociais, vê-se que entre os mais ricos (classes A e B), 96,5% das casas têm sinal de internet. Já nos patamares mais baixos da pirâmide (classes D e E), 40% não o possuem (CETIC, 2020).

Essas médias nacionais não parecem boas, mas segundo Nascimento e Santos (2020) e corroborado por Cunha, Silva e Silva (2020) elas ocultam disparidades quando se consideram recortes como renda, raça, localidade de origem (campo e cidade), tipo de escola (pública ou privada), dentre outros. Na faixa dos 15 aos 17 anos, por exemplo, o atraso entre os jovens

pertencentes ao quintil mais pobre da população era de 33,6%, quatro vezes maior em comparação com os que faziam parte do quintil com os maiores rendimentos, que apresentavam atraso de 8,6%. No que diz respeito à disparidade entre grupos raciais, dentre as pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto, 33,5% são brancas e 49% negras. Vale um adendo que esses valores são de antes da pandemia (2018), e que a pandemia tende a fazer com que esses valores aumentem e se tornem mais escancarados do que antes (NASCIMENTO; SANTOS, 2020; CUNHA; SILVA; SILVA, 2020).

O parecer CNE/CP 05/2020 de 30/04/2020, publicado no DOU em 04/05/2020, reconhece

as fragilidades e as desigualdades estruturais da sociedade brasileira que agravam o cenário decorrente da pandemia em nosso país, em particular na educação, se observarmos as diferenças de proficiência, alfabetização e taxa líquida de matrículas relacionadas a fatores sócio- econômicos e étnico-raciais.

Continuando:

Também como parte dessa desigualdade estrutural, cabe registrar as diferenças existentes em relação às condições de acesso ao mundo digital por parte dos estudantes e de suas famílias.

Esse mesmo parecer aponta ainda as dificuldade de reposição integral das aulas na forma presencial, retrocessos na aprendizagem e no processo social da educação e danos mais graves para estudantes de baixa renda, podendo gerar abandono e evasão. Com isso, há o desafio do calendário escolar considerar propostas que não aumentem a desigualdade e, ao mesmo tempo, que utilizem a oportunidade trazida pelas novas tecnologias para criar formas de diminuição das diferentes formas do aprendizado (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020; CURRY, 2020).

Os estudos apontam que os alunos das escolas particulares têm acesso às tecnologias educacionais, assim como aos dispositivos necessários para o funcionamento, como *tablets*, celulares e computadores, bem como o acesso à internet. Com isso, aumentou a disparidade entre os estudantes da rede privada quando comparada à rede pública (OLIVEIRA, 2020; RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020). Enquanto os alunos da rede privada têm aulas remotas de maneira mais eficiente, pelos fatores acima citados, os alunos da escola

pública convivem com a falta de recursos, a falta de comida e a necessidade de trabalhar durante a pandemia para ajudar em casa.

Além disso, a pressão sobre as famílias poderá constituir oportunidade para desenvolver habilidades nos alunos, como o estabelecimento de rotinas, mas dificilmente constituem oportunidades favoráveis para aprender e adotar novas formas de interação pelos pais, especialmente em ambientes mais carentes (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020; CURY, 2020), onde os pais tem que sair para trabalhar mesmo durante o isolamento social, deixando os filhos sozinhos nesse processo de aprendizagem (CURY, 2020; CARVALHO; MEDEIROS, 2020). Em famílias mais carentes, o analfabetismo dos pais/responsáveis não é algo raro, o que, possivelmente, também contribui para o abandono escolar nesse período (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020).

Para além dos motivos supracitados, pode-se assumir que os alunos também apresentam problemas com o espaço físico onde podem estudar, com um espaço impróprio/inadequado ou escasso nas casas, como poucos cômodos e muitos integrantes ou excesso de movimento e barulho (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020). Assim como problemas com a saúde mental, pois para os alunos pela repentina falta de convivência com os colegas, pode afetar significativamente o rendimento deles (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020) e suas relações interpessoais.

Por mais que a comunidade escolar esteja fazendo o seu máximo para diminuir as desigualdades que a pandemia escancarou, estudos apontam que quando as aulas retornarem na forma presencial, a perda na aprendizagem, principalmente, dos alunos das escolas públicas e, principalmente, ainda, dos alunos em situação de maior vulnerabilidade, será sentida de forma significativa (OLIVEIRA; LISBÔA; SANTIAGO, 2020). Segundo Oliveira, Gomes e Barcellos (2020) as diferenças no rigor da quarentena, na sua duração e nas estratégias adotadas pelas famílias e escolas são fatores que também poderão influenciar a trajetória desses alunos.

A invasão das escolas nas casas vem revelando a importância da figura e do valor profissional do professor, onde a limitação dos pais/responsáveis em ensinar por não ter a qualificação necessária, fica cada vez mais evidente (CURY, 2020; CARVALHO; MEDEIROS, 2020).

Senhora (2020) chama ainda a atenção de que cada nível de ensino apresenta dificuldades específicas durante essa quarentena, e que elas devem ser levadas em consideração ao planejar as aulas e os materiais. Assim como as assimetrias nas condições infraestruturais e individuais de acessibilidade, bem como a idade dos discentes e graus de capacitação

digital dos professores também devem ser sempre levados em consideração em relação com as condições pré-pandemia.

Senhora (2020) aponta que haverá efeitos negativos da pandemia da COVID-19 no curto e médio prazo no comprometimento dos processos de ensino-aprendizagem e no aumento da evasão escolar. Além disso há um apontamento de uma eventual correlação positiva nas diferenças de competitividade dos futuros profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura nos permite algumas conclusões sobre cada um dos pontos apresentados.

É/será necessário uma reflexão sobre o processo formativo dos professores, para que estes lidem com as inovações tecnológicas que surgem em uma velocidade superior às inovações do âmbito educacional. A falta de qualificação do professor e até a sua falta de acesso as TDIC, poderá resultar na manutenção ou na ampliação das desigualdades pós pandemia.

Os alunos, principalmente das classes mais baixas, tendem a voltar para as escolas com defasagens de aprendizagem significantes, que deverão ser corrigidas da melhor maneira possível. O tempo de aprendizagem deverá ser reconsiderado, com foco no que é realmente importante e nas formas que garantam desenvolvimento cognitivo flexível, permitindo a construção criativa de conceitos, de problematização e de busca de outros ou novos conhecimentos.

De maneira geral, a escola e a comunidade escolar enfrentarão desafios para por em prática seus planejamentos pós pandemia e será necessário dar novos significados e formatos para a escola e para a comunidade escolar como um todo será um fator preponderante nesse processo de reestruturação.

Enfim, a comunidade escolar pós pandemia deverá passar por mudanças significantes para que os prejuízos decorrentes do ensino remoto sejam minimizados ao longo de um curto espaço de tempo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrícia Dino. A evolução da sociedade e a educação: perfil de alunos, professores e as tecnologias dentro e fora da sala de aula no século XXI, **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 (1), p.237-253, 2020.

AVELINO, Wagner Feitosa; MENDES, Jéssica Guimarães. A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOA)**, v. 2 (5), p. 56-62, 2020.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas; ROCHA, Daniele Santos. COVID 19 e Educação: Resistências, Desafios e (Im)Possibilidades. **Revista ENCANTAR – Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 1-11, 2020.

BEHAR, Patricia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. **Jornal da Universidade do Rio Grande do Sul**: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a--distancia/>. Acesso em 10 de mar de 2020.

BERNI, Gimenez; IBANHEZ, Regiane. Mediação: o conceito vygotskyano e suas implicações na prática pedagógica. XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, **[Anais]** p. 2533- 2542, 2006.

CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v.7 (3), p.38-46, 2020.

CARVALHO, Filipe Veziane Lembi de. A educação em quarentena: oportunidade de mudanças na direção de uma maior interdisciplinaridade; **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 (1), p.193-204, 2020.

CETIC. TIC DOMICÍLIOS 2019 PRINCIPAIS RESULTADOS.2020 Disponível em: <https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf>. Acessado em 10 de mar de 2021.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7 (3), p. 27-37, 2020.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação escolar e pandemia; **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 (1), p. 8-16, 2020.

DUNDER, Karla. Conselho define hoje calendário escolar durante pandemia. Caderno Educação do R7 com Agência Brasil. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/educacao/conselho-define-hoje-calendario-escolar-durante-pandemia-28042020>>. Acessado em: 10 de mar de 2021.

FIRMINO, Mariana de Araújo Roncato. Os desafios do gestor escolar em tempos de aprendizagem remota; **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 (1), p.275-278, 2020.

GATTI, Bernardete A.. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estud. Av.**, v. 34 (100), p. 29-41, 2020.

GONÇALVES Vitor. COVIDados a inovar e a reinventar o processo de ensino-aprendizagem com TIC, **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 (1), p.43-53, 2020.

HODGES, Charles; MOORE, Stephanie; LOCKEE, Barb; TRUST, Torrey; BOND, Aaron. The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **Educause review**, 2020. Disponível em: <<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-differencebetween-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn3>>. Acessado em: 10 de mar de 2020.

JUNIOR, Verissimo Barros dos Santos; MONTEIRO, Jean Carlos da Silva; Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-15, 2020.

KANDEL, Erick. **Princípios de Neurociências**, Porto Alegre Ed. MC HILL, cap.65, p.1256, ed. 5ª, 2014.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. Tradução: Cássio de Arantes Leite. Objetiva, 608 p., 2012.

LEAL Paulo Souza. **A educação diante de um novo paradigma: ensino a distância (ead) veio para ficar!**, Gestão & Tecnologia Faculdade Delta, v.1, 2020.

MARQUES, Ronualdo. A resignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da covid-19, **Boletim de conjuntura (BOCA)**, v3 (7), p. 31-46, 2020.

MARTINS, Ronei Ximenes. A COVID-19 e o fim da educação a distância: um ensaio em Rede: **Revista de educação a distância**, v. 7 (1), p. 242-256, 2020.

MEDEIROS, Renata Cristina Rocha; CARVALHO, Maria João Cardoso de. Educação básica em tempos de pandemia; **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 (1), p.279-287, 2020.

MOREIRA, José António Marques., HENRIQUES, Susana., BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, v.34, p.351-364,2020.

NASCIMENTO Iracema Santos do; dos SANTOS, Patrícia Cerqueira. A normalidade da desigualdade social e da exclusão educacional no brasil. **Caderno De Administração**, v. 28, p.122-130, 2020.

NICHOLSON N.R. Jr. Social isolation in older adults: an evolutionary concept analysis. **Journal of Advanced Nursing**, v. 65 (6), 2009.

OLIVEIRA, Ana Beatriz. Educação em tempos de pandemia: o uso da tecnologia como recurso educacional; **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 (1), p. 279-287, 2020.

OLIVEIRA, João Batista Araujo e; GOMES, Matheus; BARCELLOS, Thais. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro , v. 28 (108), p. 555-578, 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade e; PEREIRA JUNIOR, Edmilson Antônio. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Retratos Da Escola**, v.14(30), p. 719–734, 2021.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro, LISBÔA, Eliene Soares dos Santos, SANTIAGO, Nilza Bernardes. Pandemia do coronavírus e seus impactos na área educacional; **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 (1), p.17-24, 2020.

ORTEGA, Lenise Maria Ribeiro, ROCHA, Vitor Fiuza. O dia depois de amanhã – na realidade e nas mentes – o que esperar da escola pós-pandemia?; **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 (1), p. 302-314, 2020.

PANDEMIA revela desigualdades da educação no Brasil. Uol. com, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/10/01/pandemia-revela-desigualdades-da-educacao-no-brasil.htm>>. Acessado em 10 de mar de 2021.

BRASIL. Ministério da educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer homologado parcialmente Cf. Despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 1º/6/2020**, Seção 1, Pág. 32. Ver Parecer CNE/CP nº 9/2020. Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acessado em 10 de março de 2021.

PLANOS de Estudos Tutorados 2020/2021. Estude em casa, 2021. Disponível em: <<estudeemcasa.educacao.mg.gov.br>>. Acessado em 10 de mar de 2021.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimentar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Artmed, (2), 496 p., 2006.

RONDINI, Carina Alexandra., PEDRO, Ketilin Mayra., DUARTE, Claudia dos Santos; Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas – Educação**, v.10(1), p.41–57,2020.

SALAS, Paula. O malabarismo de ser mãe e professora na quarentena. Nova Escola. 2020. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/19529/dupla-jornada-os-desafios-das-professoras-que-sao-maes-durante-a-quarentena>>. Acessado em 10 de mar de 2020.

SENHORAS, Eloi Martins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2 (5), p. 128–136, 2020.

SOUSA, Sergio. **Tecnologias de informação**. O que são? Para que servem?. FCA – Editora Informática, v.3, p. 248, 1999.